

## NOTÍCIA SOBRE O ESPANHOL\*

*Ilka Valle de Carvalho*  
UFMG

O Espanhol já tem uma longa história no âmbito da nossa Universidade. É possível rastreá-la no que encerra de mais significativo. Mas antes de remexer os arquivos da memória, talvez seja útil dar uma rápida olhada no presente.

Nos dias de hoje, a procura pelos cursos de Espanhol tem crescido exponencialmente no Brasil – e as razões disso são bastante objetivas. As atuais relações políticas e econômicas do nosso país com a América Latina em geral dão o tom de notáveis diferenças entre o passado e o agora, que incluem, é claro, a intensificação do interesse, entre nós, pelo estudo da língua espanhola. A exemplo dos povos de Portugal e Espanha, integrados na União Européia, nós, brasileiros, já buscamos enxergar melhor e apreciar devidamente o nosso importantíssimo entorno geográfico. Por um lado, o idioma dos nossos vizinhos pode ser encarado de modo utilitário, mais prático e imediato, pela simples existência de um órgão como o Mercosul, capaz de abrir, por exemplo, perspectivas de trabalho para as gerações mais jovens. Por outro, é poderoso instrumento de valores culturais em sentido estrito: as literaturas hispânicas, que abrigam – desnecessário dizer – algumas das obras mais grandiosas das letras universais, sempre atraíram o melhor do público leitor brasileiro.

Na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, os cursos de Espanhol, distribuídos entre língua e literatura, atendem à grande demanda por essas matérias e estão hoje a cargo de nove professores, em sua maioria pós-graduados com doutorado, comprovadamente aptos para um excelente trabalho.

Tentemos agora, na medida do possível, um retorno ao passado. Mas (e aqui falo na primeira pessoa) não pretendo adotar o ponto de vista de uma ex-profissional da área e sim o de uma antiga aluna. Essa perspectiva oferece uma grande liberdade. Na confortável condição de discente retrospectiva, fico isenta de uma difícil tarefa: comentar meu próprio trabalho docente e o de alguns colegas, também já afastados de Faculdade de Letras, como a ilustre professora Maria José de Queiroz, Livre-docente e Catedrática de Literatura Hispano-americana, e ainda ensaísta, ficcionista e poeta, com quem tive a oportunidade de conviver por pouco tempo, ou o professor José Cláudio de Almeida Abreu e a ex-aluna e hoje professora Prosolina Alves Marra, ambos competentes e dedicados docentes de Língua Espanhola.

Antes da reforma curricular de 1963, introduzida pelo Ministério da Educação (que simplificou bastante os programas até então vigentes), havia o curso de “Línguas Neolatinas”, em que se estudava, juntamente com o Português, o Espanhol, o Francês e o Italiano e suas respectivas literaturas, além do Latim. Eram os tempos da antiga Universidade

---

\* Agradeço ao professor José Cláudio de Almeida Abreu vários dados que me forneceu para este trabalho.

de Minas Gerais, integrada (como, aliás, a atual UFMG e demais universidades brasileiras) por suas várias Faculdades, entre as quais a de Filosofia, Ciências e Letras.

A FAFI – sua sigla na época – contava com docentes de grande brilho, alguns deles ostentando o título de fundadores da instituição, como os professores Eduardo Frieiro e José Carlos Lisboa (para citar apenas os que se dedicaram ao nosso setor). Ambos, grandes investigadores e criadores intelectuais, lecionavam literatura: o primeiro, Literatura Hispano-americana; o segundo, Literatura Espanhola. Ao lado deles, encarregava-se do ensino de Língua o então jovem professor Fernando de Freitas, assistente do mestre Lisboa. E havia ainda o professor Quiroga Carballada, espanhol de nascimento, que no ano de conclusão do curso (o quarto), lecionava a chamada “Didática Especial de Espanhol”.

Agora que a imagem física de todos eles permanece apenas na lembrança dos que os conheceram, é especialmente interessante recordar traços característicos daqueles que concentravam o maior interesse dos alunos. O professor Frieiro, pequeno, magro, cabelos grisalhos tendendo ao puro branco, sempre vestido com impecáveis ternos claros, sempre de gravata, tímido a ponto de evitar encarar frontalmente a turma e buscar constante apoio no quadro (verde, não negro), não se preocupava com métodos rígidos de ensino. O professor Lisboa, alto, refinado, magro como um Quixote elegante, dono de palavra espontânea, preferia um gênero de aula-conferência e dominava com segurança a nossa reverente platéia.

Mas é preciso, sobretudo, lembrar a excelência do trabalho intelectual desses dois mestres. O professor Frieiro, brilhante autodidata e apaixonado bibliófilo (sua biblioteca possuía tesouros inexistentes na própria biblioteca da Faculdade), era ciumento de seus livros e conservava com absoluta perfeição até as mais frágeis brochuras. É bom, entretanto, abrir aqui um parêntese: de minha parte, só tenho de lhe ser grata, posso dizer que ele me favoreceu mais de uma vez com empréstimos de obras só encontradas em suas estantes. E mais: ele cuidava de nos apresentar, ao lado das mais conhecidas celebridades literárias hispano-americanas, obscuros poetas paraguaios ou centro-americanos. Foi incansável leitor e autor de vasta obra de ficção, ensaio e crítica literária. Tinha (tem), em aparente contraste com sua personalidade, uma escrita extraordinariamente desembaraçada, colorida, em geral repassada de bom-humor. Para nos limitarmos ao mínimo entre sua produção ensaística, tais qualidades se evidenciam, por exemplo, no estudo “O Alegre Arcipreste e Outros Temas da Literatura Espanhola”, em que o autor parece bem identificado com o divertido poeta do *Libro de Buen Amor*, ou no folheto “Quem era Gonzaga?”, desinibido retrato do bardo-inconfidente.

Não bastasse o inestimável mérito de ter sido um auto-educador e membro fundador de sua Faculdade, mestre Frieiro foi também Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais e membro da Academia Mineira de Letras, além de ter recebido o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra.

Quanto ao professor José Carlos Lisboa, pertencente a famoso clã de intelectuais mineiros, é outro nome que honra a educação e a intelectualidade universitária, tanto em nosso Estado como no Rio de Janeiro. Porque ele dividiu sua atividade docente (Língua e Literatura Espanhola) entre a nossa Universidade e a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sua particular curiosidade e amor pela dramaturgia ficam bem claros nas peças infanto-juvenis que publicou e principalmente em suas investigações sobre o teatro espanhol. Gira em torno desse gênero grande parte de sua criação ensaística, como o estudo, tradução e modernização de uma peça praticamente desconhecida de Lope de Vega, *O Brasil restituído*, cujo tema, já indicado pelo título, nos diz respeito bem de perto; ou o trabalho realizado sobre a *Numancia* de Cervantes; ou o bem documentado “Tirso de Molina, Criador de Don Juan”. A própria tese que defendeu para a cátedra de Língua e Literatura Espanhola, em nossa Universidade, *García Lorca e “Bodas de Sangre”*, constitui um belo tributo ao moderno teatro espanhol. Mas sua obra não se limita ao teatro, envolve ainda importantes trabalhos sobre poesia espanhola e o pensamento de Ortega y Gasset.

Entre os numerosíssimos títulos que o consagraram, além do de Professor Fundador da Faculdade de Filosofia, compartilhado com seu colega Frieiro, e do de Catedrático de Língua e Literatura Espanhola da Universidade Federal de Minas Gerais, título igualmente conquistado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, figuram ainda os de Professor Emérito de ambas as Universidades, membro da Academia Brasileira de Filologia e da Academia Mineira de Letras.

Muito mais poderia ser dito sobre o curso de Espanhol e Literaturas Hispânicas, seus professores, experiências e conquistas, tanto na antiga instituição em que foi criado como na moderna Faculdade de Letras. Mas, para os atuais estudiosos e admiradores da cultura hispânica, talvez seja bastante esta tentativa de retratar particularmente, mesmo com inevitáveis lacunas, duas figuras fundamentais, que foram em sua época grandes representantes dessa cultura em nossa terra.

